

O problema da lepra na America do Sul

pelo

Dr. H. C. de Souza-Araujo

SUMÁRIO

Capítulo	I — <i>Colônias Européias :</i>
	1 — A Lepra na Guiana Francêsa
	2 — A Lepra na Guiana Holandêsa
	3 — A Lepra na Guiana Inglesa
	4 — A Lepra em Trinidad e Tobago
Capítulo	II — <i>A Lepra na Venezuêla</i>
Capítulo	III — <i>A Lepra no Panamá</i>
Capítulo	IV — <i>A Lepra na Colombia</i>
Capítulo	V — <i>A Lepra no Equador</i>
Capítulo	VI — <i>A Lepra no Perú</i>
Capítulo	VII — <i>A Lepra no Chile</i>
Capítulo	VIII — <i>A Lepra na Bolívia</i>
Capítulo	IX — <i>A Lepra no Paraguái</i>
Capítulo	X — <i>A Lepra na Argentina</i>
Capítulo	XI — <i>A Lepra no Uruguái</i>
Capítulo	XII — <i>A Lepra no Brasil</i>
Capítulo	XIII — <i>Conclusões e Sugestões</i>
Capítulo	XIV — <i>Resumo geral em Inglês</i>

Capítulo I

COLÓNIAS EUROPEÍAS

1 — *A Lepra na Guiana Francêsa.*

Histórico — A existencia da Guiana Francêsa foi uma consequencia da derrota de VILLEGaignon, na cidade do Rio de Janeiro, em 1560, tendo sido êle obrigado a fugir para aquêla região, que, segundo FERDINAND DENIS (1866), já vinha sendo visitada por francêses desde a descoberta da América.

Existiam naquele territorio varias tribus indigenas, salientando-se a *Galibi* como mais importante e cujo dialéto era a "lingua geral" do país, segundo HENRI COUDREAU. As outras tribus chamavam-se *Emerillons*, *Oyampis*, *Rou-*

Nota — Os clichês das ilustrações desta série de artigos, com poucas excepções, foram pagos pelo Ministério da Educação e Saude e gravados por Silva & Barreto.

couyennes... englobadas na designação geral de *Peaux Rouges*. COUDREAU (1893) não nos dá informes precisos sobre elas, no seu *Chez nos Indiens*, que é um grande e belo livro... vasío.

Em 1604 chegou á Guiana uma expedição francêsa de reconhecimento, seguindo-se-lhe, em 1626, a primeira léva de colonizadores, gente recrutada entre os agricultores de *Rouen*. A sua primeira colónia, instalada no vale do *Simamary*, fracassou. A mesma triste sorte tivéram outras emprêsas de colonisação européia ali, e o territorio caíu noutras mãos. Em 1674 o Vice-Almirante D'ESTRÉES, depois Marechal de França, reconquistou essas terras do poder dos inglêses e holandêses e, a exemplo dos portuguezes e espanhóis da América, iniciou a sua colonização com negros africanos (*il fit venir, des côtes d'Afrique, des cargaisons de nègres*. F. DENIS). Onze anos após, em 1685, uma lei francêsa proibía a importação de escravos leprosos, o que faz supôr que já existiam ali muitos deles.

Quanto aos indigenas, são unanimes os higienistas francêses, que trabalharam na Guiana, em considerá-los como indemnes da leprose. Ainda em 1907 CLARAC afirmava, categoricamente :

"Il n'y a pas d'exemple de lèpre authentique chez les Peaux Rouges, qui vivent à l'écart. Toutes les autres races sont atteintes."

E em 1922, quando visitei *Mana*, o Dr. M. BESSE, director da *Léproserie de l'Acarouany*, me afirmou que nunca encontrou sequer um caso de lepra entre os indigenas *Roucuyennes* e *Galibis*, que vivem em *Pointe Isère*, na embocadura do rio *Mana*.

A 9 de Janeiro de 1777 foi decretada, pelo Governo da França, uma *Ordonnance contre la lèpre* criando, na ilha *Salut*, o primeiro asilo de leprosos da Colónia, o que dá razão a LABERNADIE (1927) para declarar que a lepra se tornou endêmica na Guiana desde o seculo XVII.

No fim do seculo XVIII foram trazidas para a Guiana lévas de colonos suiços e alsacianos, que foram mal sucedidas, e com a Revolução Francêsa essa colónia foi transformada em exilio de milhares de representantes da Política, da Nobresa e do Cléro da França, tendo tambem êles fracassado como colonizadores. Durante o curto dominio portuguez da Guiana (1809 a 1814); não se sabe si foram feitas outras tentativas de colonização do territorio.

Em 1828 *Mère JAVOUHEY*, fundadora e Superiora da *Congregation des Soeurs de Saint Joseph de Cluny*, que dirigia em *Mana* uma grande colónia agricola destinada a suprir as suas instituições religiosas, fundou, a 36 km.

da vila de *Mana*, a *Léproserie de l'Acarouany*, para nela isolar os seus escravos leprosos.

Em 1831, quando a Guiana tinha 23.000 habitantes, dos quais 19.300 escravos e 3.700 livres (F. DENIS), sem contar os indígenas, foi abolida a escravidão por lei francesa de 4 de Maio. Nesse ano de 1831 a Guiana tinha, segundo F. DENIS, a área de 2.700 milhas geograficas quadradas, entre os rios *Oyapock* e *Maroni*.

Tendo em 1835 atingido um certo desenvolvimento o leprosario de *Acarouany*, o Governo fez transferir para êle todos os lazarus que se achavam no arquipélago de *Salut*. Nesse ano Madre JAVOUHEY, para incrementar a produção da sua colonia agricola de *Mana*, teve de mandar buscar em *Cayenne* 500 negros libertos, afeitos à agricultura.

Em 1852 o Governo da Metropole criou as penitenciarias da Guiana e em 1867 havia ali nada menos de 18.000 exilados.

Segundo COUDREAU, por ocasião da expulsão dos Jesuitas, em 1862, havia na Guiana 8.000 indios convertidos ao catolicismo e submissos.

Em 1891, no dia 11 de Maio, o Presidente SADY CARNOT aprovou um Decreto relativo às medidas de profilaxia da lepra na Guiana, cujo Regulamento, baixado pelo *Arrêté* N.º 638 de 1892, pelo Governo dessa Colônia, ainda estava em vigôr em 1940. Tanto um como o outro desses documentos merecem especial estudo. Já os publiquei *in extenso*, no meu livro "*Frequencia e Prophylaxia da Lepra nas Guyanas e em Trinidad*" (1923), de paginas 21 a 42. Em 1897 LE JOLLEC disse que taes regulamentos "*sont restés lettre morte*". E acrescentava que nesse ano havia no leprosario de *Acarouany* apenas 13 leprosos "*nombre tout à fait insignifiant par rapport à la quantité de personnes atteintes*".

No começo deste seculo, em 1902, o Dr. PAIN, velho clinico em Caiena, estimava em 200 os leprosos desta cidade e em 350 o total deles para toda a colônia, dando uma incidência de 12 por 1.000. No mesmo ano CLARAC achava que a lepra fazia sensiveis progressos naquela capital, onde se acreditava, convictamente, afirma esse ilustre tropicalista, que o contagio dessa dermatose se dava pelo coito, pela lavagem comum das roupas e sobretudo nas escolas, pelo uso promiscuo das torneiras de agua como bebedouro. Já em 1902 o Dr. JOUVENCEAU considerava o leprosário de *Acarouany* como uma vergonha para a colônia e propunha a substituição das suas barracas (*carbets*) atuais por pavilhões de 8 a 10 leitos, espaçosos, com solo impermeabilizado, agua encanada e um quarto de banho e uma sala de curativos em cada pavilhão. Segundo êle "*Les malades seraient groupés par catégories*".

o que significa grande coisa e teriam uma alimentação racional, preparada numa cozinha comum.

Em 1907 CLARAC estimava a incidencia da lepra entre 10 e 12 por 1.000, dando para a Guiana uma população de 30.000 almas. Quanto á expansão dessa dermatose, êle diz:

"Toutes les classes de la société sont atteintes, et la maladie paraît être nettement héréditaire dans plusieurs familles."

e informa que nas ruas de Caiena encontravam-se leprosos vendendo legumes, frutas, carne e outros generos alimenticios. Vê-se que CLARAC ora admitia o contagio, ora a hereditariedade na transmissão da lepra, tendo êle proprio afastado das escolas, em 1907, seis crianças, 5 por lepra declarada e uma por suspeição. Em 1902 já êle havia declarado que por causa da lepra tinha sido criado o cargo de médico-inspetor escolar.

Em 1910 A. GUILLON estimava entre 1.000 a 1.500 o total de leprosos da região de Caiena, que o Dr. HENRY achava exagerado. O Mestre JEANSELME (1912) achava que nada se fez para estancar a endemia leprosa ali.

Em 1914 foi criado o Instituto de Higiene em Caiena, sendo seu 1.º director o Dr. THÉZÉ. Este estabelecimento, desde a sua fundação até 1940, tem sido a unica instituição realmente eficiente no combate à lepra na Guiana.

No mesmo ano de 1914 o boletim da Academia de Medicina de Paris publicou o relatorio da Comissão por ela nomeada para dar parecer sobre a situação do problema da lepra na França e suas colónias, composta pelos seguintes grandes nomes da medicina francêsa : BALZER, BLANCHARD, GAUCHER, HALLOPEAU, ROUX, WIDAL e NETTER. O 8.º voto desse magnifico relatório está assim redigido :

"L' Academie ne saurait s'occuper de la prophylaxie de la lèpre en France sans insister auprès des pouvoirs publics sur la nécessité de prendre les mesures rigoureuses indispensables pour enrayer la diffusion de la lèpre dans les colonies et les pays de protectorat infiniment plus menacés."

Já em 1918 M. LEGER recomendava o dispensario como arma antileprosa, e dizia :

"Une prophylaxie de la lèpre n'a des chances de réussir que si elle repose sur des bases d'humanité et de justice, et si elle est appliquée avec douceur, avec méthode, avec persévérance."

Em seu relatório de 1919 diz STÉVÉNEL, antigo director do leprosário de *Acarouany* :

“Pour de multiples raisons, on ne peut pas plus songer à isoler tous les lépreux de la colonie... Les pouvoirs publics se sont trompés s'ils ont cru avoir entravé la propagation de la lèpre à la Guyane, en séquestrant à la Léproserie de l'Acarouany quelques dizaines de malheureux alors que des milliers de lépreux exercent librement toutes sortes de métiers et disséminés dans toute la colonie...”

Nesse relatório STÉVÉNEL exagerava dizendo que os leprosos *pululavam* na Guiana e cujo numero não se podia pretender fixar, nem mesmo aproximativamente. Em 1922, por ocasião da minha visita à Guiana, as autoridades sanitarias francêsas me convenceram que ali havia apenas 600 leprosos para os seus 40.000 habitantes, ou sejam 15 por 1.000. As organizações antileprosas que encontrei na Guiana em 1922 são as mesmas existentes em 1942, merecendo destaque os seus dois velhos leprosários, que, apesar de insignificantes, teem prestado tantos serviços àquela colônia.

Em interessante trabalho publicado em Maio de 1926, no *Bulletin de l'Office International d'Hygiène Publique*, AUDIBERT informa que, para cerca de 45.000 habitantes, havia na Guiana 380 leprosos conhecidos, sendo 323 no elemento livre e 57 no elemento penal, e estimava o seu total em 550, ou sejam $12 \frac{1}{4}$ por 1.000. Aqueles 380 leprosos se distribuíam assim: região de Caiena 221, região de Mana 14, Leprosário de *Acarouany* 88 e leprosário da ilha *Saint-Louis* do Maroni 57.

Quanto às raças, eram :

Branços	64 ou 16,8%
Negros ou mestiços	302 ou 79,4%
Arabes	11 ou 2,9%
Hindús	3 ou 0,7%
Total	<hr/> 380 ou 99,8%

Considerava AUDIBERT impossível o recenseamento exacto dos leprosos da Guiana e dizia que a profilaxia da lepra era feita nos termos do Decreto de 11 de Maio de 1891, do Presidente CARNOT e do *Arrêté* de 28 de Julho de 1923 do Governo local. E informava que em *Acarouany* eram internados

os leprosos vagabundos e indigentes e em domicilio todos aqueles que podiam fazê-lo :

“Cet isolement doit s’effectuer à une distance de 2 km. au moins de Cayenne, et à un km. des bourgs... les enfants issus de lépreux internés à l’Acarouany sont séparés dès leur naissance, et élevés à l’hôpital hospice de Cayenne.”

LABERNADIE (1927) durante os 3 anos que dirigiu o Instituto de Higiene de Caiena conta ter reconhecido 217 leprosos, dos quais 196 mestiços, 15 brancos, 4 arabes e 2 asiaticos. Em 1925 foram fichados no Dispensario de Lepra desse Instituto 90 casos novos e tratados, regularmente, 371. No mesmo ano havia 80 leprosos entre os 4.000 condenados. A sua estimativa era de 900 leprosos para a Colônia, dando a incidencia de 30 por 1.000. LABERNADIE considerava os “*bagnes*” como focos de lepra.

HERMANT em 1931 estimava em 33 por 1.000 a incidencia da lepra na população civil (27.927). Eram 940 leprosos, além de 130 na população penal. Ele disse : “*La lèpre serait en progression sérieuse*” e apenas “*une cinquantaine de lépreux suivent un traitement régulier*”...

LÉPROSERIE DE L’ACAROUANY

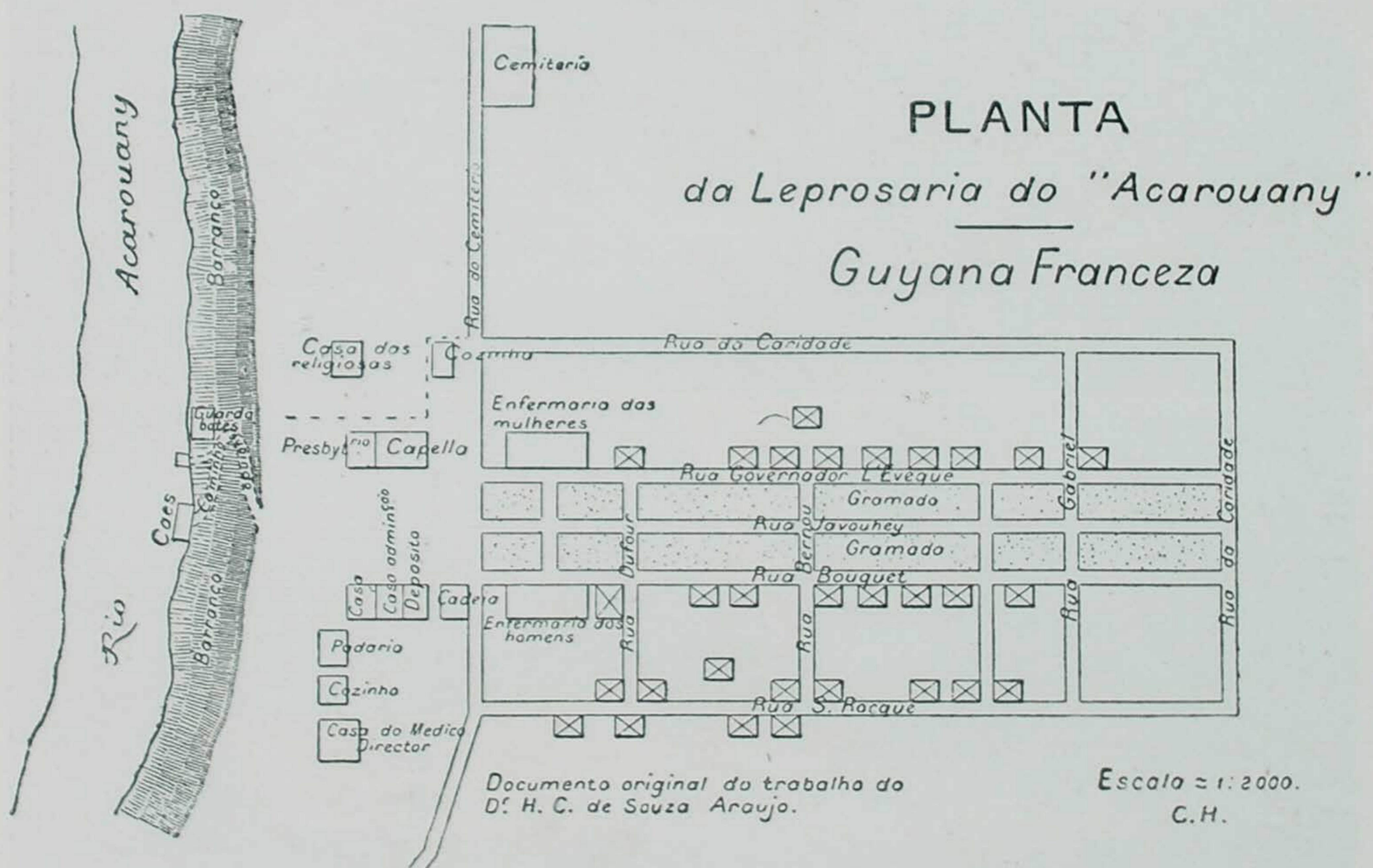
Lá pelo ano de 1820 Mère JAVOUHEY, fundadora e Superiora da “*Congrégation des Soeurs de Saint-Joseph de Cluny*”, criou, na margem esquerda do rio *Mana*, uma hora de navegação acima da sua fóz no Atlantico, uma colônia agrícola, com o fim de manter, com os seus produtos, uma instituição de caridade, utilizando néla escravos negros. Anos após tendo sido descobertos entre esses escravos alguns leprosos, Madre JAVOUHEY resolveu fundar para êles um asilo, 36 kms. acima da colônia de *Mana*, à margem do riacho *Acarouany*. Em 1828 foi esse asilo inaugurado com o nome de “*Léproserie de l’Acarouany*.” Em 1835 tendo este estabelecimento atingido certo desenvolvimento, o Governo francês mandou transferir para êle os leprosos que se achavam no primitivo leprosário fundado em 1777 numa das ilhas do grupo de *Salut*, arquipelago no qual sómente em 1852 chegaram os primeiros “*forçats*”, em numero de 303, com os quais se iniciou a famosa penitenciaria.

O progresso do asilo de lazarus foi lento, pois, em 1897 abrigava apenas 13 desses doentes e 31 em 1902, quando o Dr. JOUVENCEAU reclamou para êle urgentes melhoramentos, que parece não foram realizados até 1916,

quando o Dr. THÉZÉ, fundador do Instituto de Higiene de Caiena, chamou-o de "*véritable tombeau*" e em 1917, quando abrigava 70 leprosos, MARCEL LÉGER, director do Serviço Sanitário, o classificava de "*trou infect*". Em 1918, quando o asilo já tinha 75 internados, LÉGER insiste em condená-lo e dizendo que a sua substituição por coisa melhor "*a restée chose morte*". De 1918 a 1921 o asilo abrigou, em média, 75 doentes.

Em 1922, por ocasião da minha visita à Guiana, havia em *Acarouany* 71 leprosos, assim classificados: Do sexo masculino 57 e do feminino 14; brancos 6, negros 38, mestiços 23 e hindús 4. Quanto à forma clínica eram: Lepra tuberculosa 17, L. anestésica 33 e L. mista 21.

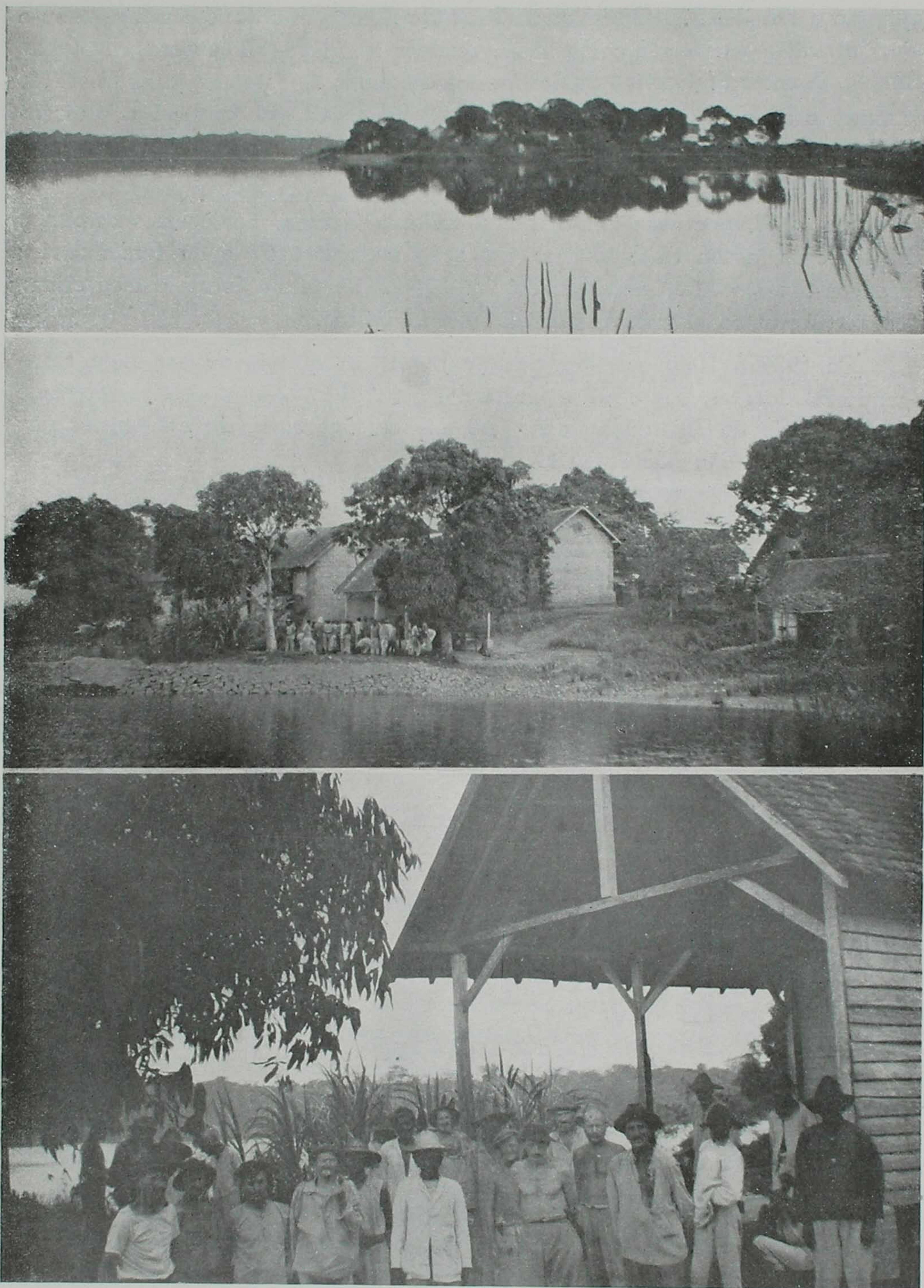
De 1925 a 1926 o asilo de Mère JAVOUHEY atingiu ao seu auge, abrigando 90 doentes. Em 1927 o Coronel Médico Dr. LABERNADIE se referindo ao leprosario de *Acarouany* diz: "*est une sort de camp de prisonniers peu vêtus, mal nourris, non soignés...*"



Clichê 1 — Guiana Francesa.

Por ocasião da minha visita o leprosário compreendia :

Uma zona limpa, séde da administração, como se vê na planta acima, composta de varios edificios, separada por uma barreira da zona dos enfermos, esta composta de 2 pavilhões-enfermarias, uma para cada sexo, e de



Clichê 2 — Guiana Francesa. *Léproserie de Saint-Louis*, no rio Maroni. Em cima a ilha, sede do leprosário, e no centro e em baixo dois aspectos dêsse pequeno asilo para criminosos leprosos.

Fotos Dr. Souza-Araujo

30 e tantas casas de madeira, chamadas de "carbets", destinadas à residência individual de certos enfermos ou grupos de quatro deles.

Estas casas são separadas umas das outras por uma área regular de terreno que os doentes cultivam. *Acarouany* é uma colônia agrícola. Os doentes cultivam: caféeiros, coqueiros, cacauzeiros, fruta-pão, mandioca, milho, legumes, etc. e criam aves. Disse-me o Dr. BESSE que eles chegam a vender para fóra os seus produtos.

O clima da região é considerado bom; a temperatura oscila entre 24° e 39° C. Ventos NE e NO. Brisa todo o ano, informa o Dr. BESSE.

A administração do leprosário consta de três irmãs de caridade, da Ordem de *Saint-Joseph de Cluny*, das quais uma ficou leprosa no fim d'alguns anos de serviço no leprosário, e dois enfermeiros, um homem e uma mulher, escolhidos entre os doentes válidos e habeis. Ha ainda um "Surveillant militaire" que dirige uma equipe de 25 condenados a trabalhos forçados, a qual faz tudo quanto carece a colônia: corte e beneficiamento de madeira, captação e condução de água, limpeza, etc.

Por *Arrêté* de 25 de Maio de 1935 o leprosário foi *suprimido por extinção...* dos doentes. Desde então a sua lotação vem reduzindo. Em 1940 havia em *Acarouany* apenas 36 leprosos enquanto que fóra êles *pululavam*. A sua extinção, antes de criada coisa melhor, foi um grave erro.

LÉPROSERIE SAINT-LOUIS

No ano de 1895 foi inaugurada a "*Léproserie Saint-Louis*", numa ilhóta deste nome, que existe no rio Maroni. Os seus primeiros internados foram os leprosos remetidos da ilha *du Diable*, a menor das três que compõem o arquipelago de *Salut*. Esses doentes eram criminosos condenados ao degredo e chamados de "forçats". Em 1897 êles atingiam a 24, em 1902 a 35, em 1913 a 52, em 1914 a 56 e em 1915 a 65. Dos 63 isolados em 1918 eram: *transportés* 21, *relégués* 22 e *libérés* 20.

Por ocasião da minha visita á Guiana procurei o Tenente Coronel Dr. CHARLES FAUCHERAU, medico-chefe da Comuna de *Saint-Laurent*, e que já havia trabalhado no melhor leprosário de *Madagascar*, com quem obtive permissão e todas as facilidades para visitar esse pequeno leprosário do *Maroni*. Às 7 horas de 20 de Fevereiro de 1922 parti de *Saint-Laurent* em trem *Dcauville*, do ramal do Acampamento de *Saint-Jean*, para a estação *Saint-Louis*, de onde eu iria á ilhóta desse nome, em visita ao asilo dos condenados leprosos. Uma hora depois encontrava-me com o Dr. BARBIER, 1.º Tenente-me-

dico do Sector de *Saint-Jean* e do aludido leprosário, com quem parti em bote para a ilha, que fica no meio do rio *Maroni*, cerca dum quilometro acima da cidade *Albina*, da *Guiana Holandêsa*. O local é bastante pitoresco e oferece magnifica vista para todos os lados. Recebeu-nos no desembarcadouro um grupo de leprosos. Nessa hora o pessoal da administração estava fazendo a distribuição da ração quotidiana. Naquele pequeno monte rochoso existiam 30 casinhas de pedra e cal e cobertura de taboinhas, todas sob um unico modelo, e com uma porta, sem janela, compreendendo uma só peça, com dois leitos. Aquilo era dormitório e cozinha ao mesmo tempo. Cada dois leprosos habitava uma dessas casinhas, tinha o seu fogão e recebia a ração em comum. À distância a ilha se assemelhava a um oasis. O cliché N.º 2 dá uma idéa do estabelecimento.

Encontrei no pequeno leprosário 57 doentes, todos do sexo masculino, sendo: 17 *libérés*, 16 *transportés* de 1.^a categoria e 24 *relégués*. Eram franceses 52 e 5 árabes da *Algeria*. Examinei a sua maioria e assisti aos curativos que o enfermeiro fazia nalguns deles. Predominavam os casos lepromatosos, o que indica que devia existir maior número fóra, naturalmente os casos incipientes ou da forma nervosa. Todos se infectaram na *Guiana*, onde viviam de 14 a 20 anos.

Situação atual — Em documento datado de 31 de Dezembro de 1938 o Director Geral de Saude Publica da Guiana Francêsa, Tenente Coronel BOURON, gentilmente forneceu-me os seguintes dados :

“L’Institut d’Hygiène et de Prophylaxie de Cayenne a le controle technique de tout ce qui a trait à la lèpre en Guyane et Inini, sous l’autorité du Chef du Service de Santé.

Le dépistage est assuré dans les salles de consultation, au cours de l’inspection des écoles, des séances de vaccination, par les Médecins et dans les familles par les infirmières visiteuses. Le total des hanséniens connus atteignait au 21 Décembre 1936: 437 appartenant à la population libre (29.182 habitants) et 90 appartenant à l’élément pénal. A côté de ces cas confirmés, il y a lieu, en outre, de mentionner: 118 suspects maintenus en surveillance dans l’élément libre et 9 parmi les condamnés. La Guyane possède pour l’isolement des lépreux deux établissements: la vieille Léproserie de l’Acarouany pour les autochtones et la Léproserie de Saint-Louis pour l’élément pénal. 49 impotents résident encore dans la première; mais les nouveaux malades n’y sont plus envoyés. Ils sont isolés à domicile ou dans un service de léprologie annexé à l’Hôpital

Hospice Civil et dont les cases rudimentaires doivent être remplacées par une construction nouvelle qui pourra recevoir une vingtaine de malades. Une école de plein air pour les enfants lépreux, dirigée par un instituteur atteint lui-même, a été créée en 1936.

Grâce à une propagande active, la lèpre perd peu à peu son caractère de maladie honteuse.

Aux chiffres précédemment donnés, il faut adjoindre les nouveaux cas reconnus depuis le 1er Janvier 1938: population libre 65 et élément pénal 31."

Em resumo vê-se que a 1 de Janeiro de 1938 havia na Guiana 623 leprosos e 127 "suspeitos", perfazendo o total de 750.

Em artigo publicado em Abril de 1939 E. VOGEL e M. RIOU, tratando da lepra na Guiana Francêsa, informam :

"Le dépistage a donné en 1937: 118 nouveaux malades (92 dans lo population libre et 26 dans l'élément pénal).

Le total des lépreux recensés est de 609 à la fin de l'année; 449 malades ont suivi un traitement régulier soit à l'Institut d'Hygiène, soit à l'hospice civil de Cayenne."

Para a mesma data o total destes autores é inferior ao de BOURON.

Em começo de 1940 o Medico Comandante H. FLOCH publicou, sob o titulo : *"Sur l'endemie lépreuse en Guyane"*, os seguintes interessantes informes: que a lepra é a doença predominante na patologia da Guiana e que o Instituto de Higiene de Caiena é o centro da sua profilaxia. O autor fazendo uma revisão das fichas desse Instituto obteve, para 1.º de Janeiro de 1940:

Leprosos vivos conhecidos	841	
Leprosos classificados como "desaparecidos"	102	943
	<hr/>	
Doentes suspeitos de lepra	275	
Doentes suspeitos "à surveiller"	404	679
	<hr/>	<hr/>
Total		1.622

Diz o autor que muitos leprosos que não compareciam ha muito tempo no Instituto de Higiene foram transferidos para a classe *"à surveiller"*.

Em 31 de Dezembro de 1938 havia 677 leprosos conhecidos, dos quais 569 na população livre e 108 no elemento penal, e no correr de 1939 foram fichados 200 casos novos, sendo 163 e 37, respectivamente. Dos fichados em 1939 predominavam as crianças (55 %). Essas parcelas dão o total de 877, inferior ao da revisão acima referida. Dos 877 eram creoulos livres 729, dos quais

436 do sexo masculino e 299 do feminino, dando a relação aproximada de 3 homens para 2 mulheres.

Quanto à idade, esses 729 doentes se distribuíam como se segue:

0 a 5 anos ..	32	Os 145 condenados lepro- sos eram adultos, predomi- nando os do grupo entre 41 a 60 anos de idade.
6 a 10 anos ..	124	
11 a 15 anos ..	137	
16 a 20 anos ..	67	
	360	ou cerca de 50 %.
21 a 40 anos ..	188	
41 a 60 anos ..	125	
Mais de 60 anos	56	369.

Havia doentes de todas as profissões ou ocupações e do total 62 % eram de Caiena, 57 estavam no Asilo *Saint-Louis* e 42 no leprosário de *Acarouany*.

No começo de 1940 foram excluídas das escolas 214 crianças (132 meninos e 82 meninas), perfazendo com elas o total de 478 as matriculadas no Instituto de Higiene, por serem leprosas ou suspeitas. Baseado nesses dados o Dr. FLOCH chega à seguinte conclusão :

“L’endemie lépreuse est certainement en période d’activité croissante en Guyane; le nombre toujours plus grand des lépreux connus ne provient pas seulement du meilleur dépistage”.

Para finalizar este capítulo achei adequado resumir um artigo do Prof. CHARLES ACHARD, enviado em missão especial à Guiana Francêsa, e publicado em Fevereiro de 1940. Tal artigo representa a “última palavra” sobre a situação do problema da lepra naquela colônia.

O Prof. ACHARD informa que a Guiana tem cerca de 90.000 km² de superfície e apenas 37.900 habitantes, dos quais 12.930 em Caiena e do total 4 a 5 mil são estrangeiros. Os seguintes pontos desse trabalho merecem destaque :

1 — Apesar de ser compulsoria, é raramente feita a notificação de casos de lepra. 2 — Apesar das interdições, em leis e regulamentos, veem-se nos mercados leprosos manipulando e vendendo generos alimenticios.

3 — Como as crianças leprosas são excluídas das escolas publicas e particulares, reclama a criação de escolas especiais para as 200 crianças leprosas de Caiena. 4 — Quanto à estatística, admite a de FLOCH.

5 — Afirma : “*Il existe en Guyane plusieurs léproseries organisées suivant le type général des villages de lépreux de nos autres colonies*”.

Esta afirmativa não corresponde à realidade.

6 — Referindo-se aos leprosários primitivos, de *Acarouany* e *Saint-Louis*, diz que no Hospital-Hospice Civil de Caiena existe uma secção de lepra, cuja instalação material é muito precária e onde “*l’isolement y est assez illusoire.*” 7 — Refere-se a um novo leprosário a ser criado, no qual deve haver uma secção para pensionistas, jardins, campos de desportos, agricultura e pecuária (para dar ocupação e proventos aos enfermos), biblioteca, cinema, T.S.F. e um medico residente, além dos enfermeiros e enfermeiras, que poderiam ser religiosos.

8 — Proteção à descendencia dos leprosos. 9 — Falando sôbre tratamento anti-leprótico diz que no leprosário de Georgetown, na Guiana Inglesa, dêram alta a um grande numero de leprosos (*un certain nombre sont rendu à la liberté*) e acrescenta :

“*Il faudrait, pour imiter cet exemple, des garanties sérieuses*”. E’ curiosa esta exigencia do Prof. ACHARD para dar liberdade condicional (*parole*) aos leprosos da Guiana Francêsa, onde só não estão completamente livres os leprosos mutilados ou cegos de *Acarouany* ou os leprosos criminosos do leprosário-penitenciária do rio Maroni.

Sôbre a localização do novo leprosário projetado, ACHARD aprova a séde escolhida pelo corpo medico da Guiana : “*Roches-de-Kourou*”, situada sôbre “*une pointe rocheuse*”, à borda do mar, defronte do arquipelago de *Salut*. ACHARD informa:

“*Le site est fort beau. le vent du large souffle presque constamment et les nuits y sont fraîches...*”

Mas ninguem vive só de brisa. Sôbre um rochedo não se pôde ter agricultura, pecuária, e “*les jardins d’agrément*”! que ele julga necessarios a um leprosário moderno, do tipo colônia.

A obra planejada foi orçada em 7.100.000 de francos, e ACHARD diz :

“*Cette installation est aujourd’hui chose décidée.*”

Pobre França! depois da sua submissão ao nazismo não fará mais nada...

Queira Deus que o Governo local possa conservar os tão malsinados e primitivos leprosarios de *Acarouany* e da ilha de *Saint-Louis du Maroni*.

(Trabalho escrito em 1942).

Aditamento — Em seu relatório de 1944, o Comandante HERVÉ FLOCH, na qualidade de Director do *Institut Pasteur* da Guiana Francêsa, dá 678 casos novos de lepra descobertos naquela colônia de 1939 a 1944, inclusive, dando a média anual de 113. Esse total, distribuído por grupo de idades deu, aproximadamente: 0 a 5 anos 9%; de 6 a 10, 28%; de 11 a 15, 14%; de 16 a 25, 17%; de 25 a 50, 21%; e acima de 50 anos, 11%. FLOCH conclue, baseado nestes dados, “*que l'activité de l'endémie est loin de diminuer*”.

No Dispensário-Escola “Prof. MARCHOUX”, aberto em 1941, em Caiena, a média de frequência dos infantes leprosos, nesses últimos três anos, foi de 48. FLOCH dá o seguinte resumo sobre a situação da endemia leprosa naquela Colônia: “*Au 31 décembre 1944, il y avait: 1.366 lépreux dont 1.105 étaient vivants; 103 lépreux portés “disparus”; 494 “suspects”; 557 “à surveiller*”.

No ano de 1944 dêsse avultado total apenas 258 seguiram um tratamento mais ou menos regular. A *Léproserie de l'Acarouany* foi reaberta em virtude de não ter sido fundada a “*Colonie Agricole aux Roches de Kourou*”.

BIBLIOGRAFIA

DENIS, FERDINAND

1866. Brésil, Colombie et Guyanes, p. 23.
Edição Firmin Didot, Paris.

COUDREAU, HENRI

1893. Chez nos Indies. Vol. de 614 pp. Hachette & Cie. Paris.

CLARAC

1907. Hygiène de la Guyane Française. Lèpre, p. 380. *In* Traité d'Hygiène de Brouardel et Mosny, Vol. XI, Ed. Baillièrre, Paris.

LABERNADIE, V.

1927. La lèpre en Guyane Française.
Bull. Soc. Path. exotique, T. 20 pp. 306, 489, 623 et 771.

SOUZA-ARAÚJO, H. C. DE

1923. Frequencia e prophylaxia da lepra nas Guyanas e em Trinidad. *In* Boletim Sanitario, n.º 5, Dez. 1923.

SOUZA-ARAÚJO, H. C. DE

1924. Fréquence et prophylaxie de la lèpre dans les Guyanes et à la Trinité.
Rapport de la IIIe. Conf. Intern. de la Lèpre, pp. 400-436.

CLARAC

1902. La Lèpre dans la Guyane Française.
Annales d'Hygiène et de Méd. Coloniales, pp. 76-68.

LE JOLLEC

1899. La lépre à la Guyane Française (Rapport annuel 1897) d'Hygiène et de Méd. Coloniales, p. 53.

CLARAC

1907. La Lèpre à la Guyane.
Annales d'Hygiène et de Méd. Coloniales, pp. 76-88.

GUILLON, A.

1910. Quelques notes sur la lèpre en Guyane Française.
Le Caducée, n.º 19, 1-10-1910, p. 258.

JEANSELME, ED.

1912. Lèpre, *in* Traité d'Hygiène de Brouardel & Mosny. Vol. 18, pp. 1-95.

LEGER, MARCEL

1918. La question de la lèpre à la Guyane Française dans l'élément Penal. Bull. Soc. Path. exot., T. 11, pp. 793-99.

STÉVÉNEL

1919. La lèpre en Guyane.
Journal Officiel, n.º 1, Cayenne, 1919.

AUDIBERT

1926. La lèpre dans les colonies françaises. Sa Prophylaxie et son traitement. Bull. Office Intern. d'Hygiène Publique, T. 18, pp. 521-543.

HERMANT

1931. Les Maladies transmissibles observées dans les Colonies Françaises, etc., *Ann. Méd. & Pharmacie Coloniales*, 5, p.-132.

BOURON, LT. CEL.

1938. Rapport epistolaire du 31 décembre, 1938.

VOGEL, E. ET RIOU, M.

1939. Les maladies épidémiques, endémiques et sociales dans les colonies françaises. *Ann. Méd. et Pharm. Coloniales*, T. 37, Suppl., p. 534.

FLOCH, H.

1940. Sur l'endémie lépreuse en Guyane.
Bull. Soc. Path. exotique, T. 33, n.º 5 pp. 310-315.

ACHARD, CH.

1940. Mission en Guyane.
Rev. du Paludisme et Méd. Trop., A. 2, n.º 8, pp. 51-55.

FLOCH, HERVÉ

1944. Lèpre, Titre IV, pp. 24-31, Rapport sur le fonctionnement technique de l'Institut Pasteur de la Guyane Française et du Territoire de l'Inini, Cayenne, 1945.
-